



**APRENDER, CONHECER E ENSINAR:
RESSIGNIFICANDO CONCEITOS PARA A DOCÊNCIA
UNIVERSITÁRIA**

ALTHAUS, Maiza Taques Margraf – UEPG/ PUCPR
professoramaiza@uol.com.br

Eixo Temático: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

No contexto das profundas mudanças paradigmáticas vividas pela contemporaneidade, a Universidade tem o desafio de refletir sobre as novas formas de conceber o conhecimento. O ensino de graduação deve formar profissionais capacitados para uma era de imprevisíveis mudanças. O presente trabalho, de natureza teórica, tem por objetivo apresentar e analisar concepções de ensino, aprendizagem e conhecimento, discutindo-as pelo viés do ensino compreendido como uma prática de relações na docência universitária. Apresenta-se a relação entre a docência e a discência, bem como a origem do vocábulo ensino. Tem-se, como princípios norteadores do estudo, que “todo processo de ensino e aprendizagem é uma leitura do humano que há no outro” (ARROYO, 2009); a concepção de que “ensinar não é transferir conhecimentos” (FREIRE, 1996), e, ainda, a defesa de que o ensino é uma instância de comunicação (RIOS, 2008). A ação de ensinar expressa diferentes significados: ensinar significa interagir, compartilhar; exprime afetividade; pressupõe construção de conhecimento e rigor metodológico; exige planejamento didático (VEIGA, 2006). Por seu caráter intencional e diretivo, o ensino é um trabalho eminentemente didático-pedagógico, um ato de criação de possibilidades para a produção ou a construção de conhecimentos. Conclui-se que é preciso ressignificar os fundamentos teóricos referentes aos processos de conhecer, aprender e ensinar para o desenvolvimento da compreensão e transformação da realidade educativa.

Palavras-chave: Aprendizagem. Conhecimento. Ensino. Didática. Formação de professores.

Introdução

Os professores/as serão profissionais mais respeitados quando puderem explicar as razões de seus atos, os motivos pelos quais tomam umas decisões e não outras, quando ampararem suas ações na experiência depurada de seus colegas e quando souberem argumentar tudo isso numa linguagem além do senso comum. (SACRISTÁN, 1988, p.10)

Diante da evolução constante da vida, novos desafios educacionais se apresentam à prática pedagógica universitária. As universidades têm passado a se preocupar com a formação de profissionais cujas competências estejam direcionadas para a eficiente atuação diante das profundas transformações que presenciamos nos dias atuais. O ensino de graduação deve formar profissionais capacitados para uma era de imprevisíveis mudanças.

Porém, pesquisar a prática pedagógica universitária não se constitui tarefa fácil, porque aprendemos a pensá-la de forma simplista, linear. Separar a compreensão dos processos de ensinar e aprender foi o principal desastre ocorrido no ensino, pois disso se derivou a trágica divisão de funções: ao docente cabe o ensino e ao aluno a aprendizagem (ZABALZA, 2004).

Assim, a discussão sobre o ensino de graduação ganha cada vez mais importância. Com vistas a trazer uma colaboração para essa discussão, este artigo destaca a necessidade de se considerar a compreensão das concepções de ensino, aprendizagem e conhecimento, abordando-as pelo viés do ensino, compreendido como uma prática de relações na docência universitária.

Nosso raciocínio está baseado na ideia de que “todo processo de ensino e aprendizagem é uma leitura do humano que há no outro” (ARROYO, 2009), e também na relação de interdependência entre ensino e aprendizagem, desenvolvida por Freire (1996). Por esta via, analisaremos também o ensino como uma instância de comunicação entre professores e alunos (RIOS, 2008), numa perspectiva de mediação.

O ensino envolve atuação (RUÉ, 2003, p.39). Em seu sentido mais geral, atuar “significa tomar uma iniciativa, começar (como indica a palavra grega *archein*, ‘começar’, ‘conduzir’ e finalmente ‘governar’), colocar algo em movimento, que é o significado original do *agere* latino.” (ARENDRT, 1993, p.201).

A ação de ensinar, que muitas vezes pode parecer fácil, merece atenção quando

considerada mera exposição de conteúdos, uma vez que a qualidade do ensino nos cursos de graduação requer muito mais dos estudantes do que tão somente a reprodução dos conteúdos transmitidos.

As relações entre aprendizagem, conhecimento e ensino

Diante das incertezas do mundo contemporâneo, em que se defrontam a afirmação de “uma razão instrumental e a de um irracionalismo, é preciso encontrar o equilíbrio, fazendo a recuperação do significado da razão articulada ao sentimento e, no que diz respeito ao ensino, a reapropriação do afeto no espaço pedagógico.” (RIOS, 2008, p.43). No plano das discussões sobre a formação de professores, “o equilíbrio pedagógico encontra [...] o seu sentido no compromisso de intervir em uma realidade complexa [...] identificando-se com um tipo de pensamento que supera a tendência de tornar impessoal o conhecimento.” (GASQUE; TESCAROLO, 2008, p.142).

De maior relevância é ter presente também que, neste mundo complexo, “também se tornam complexas as tarefas dos educadores” (RIOS, 2008, p. 43). A docência universitária¹ exige não somente domínio de conhecimentos a serem transmitidos por um professor, como o profissionalismo semelhante àquele exigido para o exercício de qualquer profissão. (MASETTO, 1998, p.13).

Se recorrermos à história, constataremos que as relações entre o ensinar e o aprender já eram anunciadas no século XVII por Comênio:

Comênio vai do ensino à aprendizagem, da ação do professor à ação do aluno, ou seja, da docência à discência [...] As palavras docente e discente, que encerram o sentido de que alguém está fazendo alguma coisa, referem-se à ação do professor e do aluno, pois a origem delas atesta que docere significa ensinar, fazer aprender, enquanto discere traduz o sentido de aprender. Seriam, pois, duas ações distintas, mas complementares, interligadas e inseparáveis [...] A aquisição de conhecimentos não pode se dar unicamente por uma das partes, isto é, ou só pelo ensino ou só pela aprendizagem. Uma e outra constituem duas faces intercambiáveis e inseparáveis do mesmo todo. (GASPARIN, 1994, p. 70)

Ensinar tem origem “[...] no século XI, na língua francesa (*enseigner*), e no século

¹ Neste artigo, compreende-se docência universitária como atividade profissional, especializada, que tem seu âmbito determinado de conhecimentos. (ZABALZA, 2004, p.108).

XIII, na língua portuguesa; do baixo latim *insignare*, alteração de *insignire*, que significa indicar, designar, e que pode chegar a ser compreendido como “marcar com um sinal”. (LIMA, 2006, p.240). Por sua vez, o verbo aprender, “derivado de apreender por síncope, significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo, receber a informação de...” (ANASTASIOU; ALVES, 2006, p.14). Aprender, portanto, vai além do armazenar, memorizar e processar dados e informações (GASQUE; TESCAROLO, 2004, p.108).

Para Freire (1996, p. 77), “aprender é uma aventura criadora, algo, por si mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar [...]”. O ato de aprender “exige a capacidade de tolerar a frustração e a confusão; de agir sem saber o que vai acontecer; de enfrentar a incerteza sem ficar seguro”. (CLAXTON, 2005, p.21). Grande parte do processo de aprendizagem contempla momentos de alegria e também períodos de estabilidade frustrante e regressões perturbadoras. Por isso, aprender envolve arriscar-se, e, por meio do ensino, está presente a mediação, a relação de ajuda nesta aventura com o conhecimento.

Essas considerações nos levam também a discutir os processos de ensino e aprendizagem, fundamentando-nos no seguinte questionamento: “Nos reconhecemos profissionais do conhecimento, mas como garanti-lo a todos?” (ARROYO, 2009, p.210). Saber o que ensinar e em que tempos, saber o que aprender e em que tempos; equacionar essa questão exige estudo, leituras e reflexões. Cumpre-nos encontrar os vínculos entre o ensino e a aprendizagem. Na ação de ensinar, compete ao professor assumir o lugar de instigar e desafiar o aluno para que este avance, isto é, para que vá além do ponto em que está e aprenda. O professor precisa alavancar o conhecimento do aluno (PLACCO, 2008).

Quanto ao conhecimento, por sua natureza complexa, pode refletir abordagens diferentes, dependendo da concepção epistemológica que o sustenta (GASQUE; TESCAROLO, 2004, p.36). Há muitas imagens para representar o processo de construção do conhecimento: “conhecer é como encher um balde de matéria, ou como construir um cuidadoso encadeamento de temas, ou como tecer uma teia de significações, ou como fazer emergir a ponta de um iceberg algo que já existe dentro de nós, ou ... tudo isso junto?” (MACHADO, 2009, p.167-168).

O que se evidencia, a partir destas metáforas, é que aquilo que fazemos na prática pedagógica expressa, de algum modo, o que concebemos. Em outras palavras, o nosso fazer revela o nosso pensar. E, ainda que seja explícita a necessidade de aprofundar as concepções

de ensino e aprendizagem, em sua relação com o conhecimento, não se pode deixar de reconhecer que

os grandes desafios que se impõem à prática docente no ensino superior relacionam-se às possibilidades de articular as duas ações didáticas – ensinar e aprender –, no contexto de sala de aula. Nem sempre quem domina conhecimentos para sua atuação profissional sabe transpô-los para uma situação de aprendizagem! Entendo, deste modo, que dificilmente um professor consegue planejar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para o desenvolvimento da autonomia dos acadêmicos senão compreender os conteúdos próprios de sua área de atuação, que serão objeto de sua ação didática. Assim, se a docência é sua área de atuação, além das especificidades inerentes aos diferentes campos de conhecimento, a Didática também compõe o quadro como conteúdo próprio da prática pedagógica universitária. (ALTHAUS, 2004, p. 102).

Uma das melhores caracterizações desta relação de interdependência entre ensino e aprendizagem foi desenvolvida por Freire: “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa [...] Não temo dizer que inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado.” (1996, p.26; 52). Ao trazer essa significação de relação para os conceitos de ensino e aprendizagem, faz sentido afirmarmos que a razão de ser do ensino é a própria aprendizagem. É isto que nos leva, com Freire, a dizer que, por seu caráter intencional, diretivo, o ensino é um trabalho eminentemente didático-pedagógico, um ato de criação de possibilidades para a produção ou a construção de conhecimentos. É na docência que se concretiza a discência, e vice-versa. (FREIRE, 1996, p.52).

O ensino como instância de comunicação e mediação

O ensino, numa perspectiva mediadora, é “compreendido como o modo peculiar de orientar a aprendizagem e criar espaços formativos entre docentes e alunos, cuja razão de ser é a prática pedagógica criativa e reflexiva” (VEIGA, 2006, p.22). A ação de ensinar implica interações concretas entre professores e alunos, pois se manifesta no âmbito de interações humanas. O ponto fundamental em que Veiga se apoia são os registros escritos feitos por 54 professores, nos quais expressaram diferentes significados de ensinar, a saber:

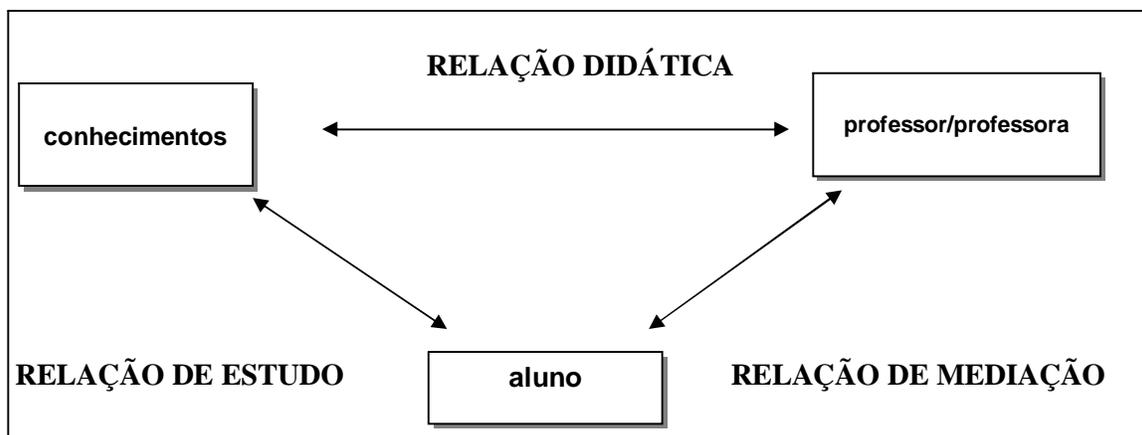
- ensinar significa interagir, compartilhar;
- ensinar exprime afetividade;
- ensinar pressupõe construção de conhecimento e rigor metodológico;
- ensinar exige planejamento didático.

O ensino, caracterizado como prática que se articula à aprendizagem, indica que o professor, por meio do gesto de ensinar, na relação com os alunos, oportuniza-lhes o encontro com a realidade, considerando o saber que já possuem, buscando articulá-los a novos saberes e práticas (RIOS, 2008, p.52). Poderíamos dizer: o professor atua como mediador. Nessa linha de raciocínio, mediar “não significa tão somente efetuar uma passagem, mas intervir no outro pólo, transformando-o. A mediação na esfera educativa guarda o sentido da intervenção.” (MAHEU, 2001, p. 45).

Se mediar é intervir, quais seriam as características da mediação pedagógica? No âmbito da docência universitária, mediar é “dialogar permanentemente [...]; apresentar perguntas orientadoras; orientar nas carências e dificuldades técnicas ou de conhecimento quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho; desencadear e incentivar reflexões”. (MASETTO, 2000, p. 145).

Nesse sentido, a mediação compreende a atitude e o comportamento docente enquanto facilitadores, incentivadores ou motivadores da aprendizagem, colocando-se como uma ponte – não estática – entre o aprendiz e sua aprendizagem. Ao indicar o papel do professor na disposição de atuar como ponte, entendemos que o professor estará aproximando o aluno do conhecimento, ou seja, atuando como intermediário para o conhecimento; enfim, colaborando no processo de consolidação das aprendizagens do aluno.

O Esquema 1 expressa as relações que constituem o ensino: “[...] ensinar é essencialmente trabalhar para estabelecer uma *relação* de um tipo particular, a *relação pedagógica*, uma relação que guia uma pessoa na aquisição de novas capacidades.” (SAINT-ONGE, 2001, p. 211). A relação pedagógica se estabelece em virtude de três relações distintas, em interação:



Esquema 1 – As relações que constituem o ensino

Fonte: Adaptado de Saint-Onge (2001, p. 212)

Quanto à **relação didática**, indica uma relação que se estabelece entre o professor e a matéria a ser ensinada. Objetivamente, sabemos que quando um professor precisa ensinar determinados conhecimentos, adquire nova compreensão de sua disciplina, reestruturando o conteúdo com finalidades didáticas.

Já a **relação de estudo** coloca o aluno diante dos conhecimentos a aprender, pois é ele quem deve apropriar-se dos conteúdos.

Sendo o ensino uma interação cognitiva entre professor e alunos, a **relação de mediação** assegura “a qualidade do encaminhamento do aluno em sua busca do saber. Ao longo da interação que se estabelece entre a professora [...] e o aluno, encontram-se as atividades que visam aos processos intelectuais de pensamento e raciocínio” (SAINT-ONGE, 2001, p.214).

É importante ter presente que

[...] a mediação entre aluno e conhecimento, na sala de aula, está também atravessada por outras tantas mediações [...] O professor, na sua arte de ensinar, media essas relações mais amplas, assim como as relações que se fazem presentes

no exercício diário do magistério, naquilo que ele tem de mais essencial: a relação entre os alunos e os objetos de conhecimento. (MAHEU, 2001, p. 45).

Podemos perceber, frente ao exposto, que ao desempenhar o papel de mediador, o trabalho do professor se desenvolve por meio de outras múltiplas relações, onde se situam os alunos e os instrumentos necessários para operacionalizar o trabalho pedagógico de sala de aula. Se pudéssemos sintetizar o ensino numa só palavra, poderíamos dizer: ensinar consiste em fazer uma relação (SAINT-ONGE, 2001, p.232).

Considerações finais

A interlocução com os autores a que fizemos referência permitiu a compreensão de que “aprender é necessariamente uma forma de praticar o conhecimento, é apropriar-se de seus processos específicos.” (SEVERINO, 2009, p.134). Se aprender e ensinar são verbos que nem sempre se conjugam juntos, precisamos trabalhar por uma construção mútua entre aprendizes e mestres (POZO, 2002, p.55). Com esteio nessas reflexões, o ensino, por expressar uma intenção de transformação, constitui-se “palavra-ação, palavra-prospectiva, palavra-compartilhada [...] o fazer docente é uma atividade que exige rumo e partilha.” (FARIAS, 2009, p.13).

Cabe-nos, então, tomar o ensino como atividade interativa, em que se processam as mediações entre professor, alunos e conhecimento. O ato de ensinar coloca em relação pessoas distintas e com objetivos também distintos.

A perspectiva do conhecimento como rede está associada à imagem de uma grande teia, onde os nós são os conceitos, as ideias, e os fios que compõem os nós são as relações que estabelecemos entre algo (MACHADO, 2009). Por envolver o ser humano, o trabalho de ensinar é, por natureza, complexo, pois envolve professores e alunos em situações únicas, imprevisíveis. Talvez o desafio dos professores universitários seja o de buscar esta visão na convivência com os alunos, encadeando novas significações no trabalho com o conhecimento, compreendendo que ensinar é entrar em um conjunto de relações e interações com os outros: é ver-se no compromisso de aprender.

Parafrazeando Arroyo (2009), a prática educativa atual requer um ensino enquanto abertura de novos significados e valores, como ato de criação de sentidos para os sujeitos que aprendem uma profissão.

É no campo da educação que encontramos a perspectiva de uma resignificação da ciência do ensinar, ou seja, “uma crença na ampliação das possibilidades da Didática” (RIOS, 2008, p.37).

Referências

ALTHAUS, Maiza Taques Margraf. Ação didática no ensino superior: a docência em discussão. Maringá. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 7, n. 1, p.101-106, jan./abr. 2004. p. 101-106.

ANASTASIOU, Lea; ALVES, Leonir. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville: Univille, 2006.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CLAXTON, Guy. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FARIAS, Isabel Maria Sabino et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos**. Campinas: Papirus, 1994.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p.35-40, set./dez. 2004.

_____. Por uma pedagogia do equilíbrio. **Educ. Pesqui.**, v.34, n.1, p. 139-150, 2008. ISSN 1517-9702.

LIBÂNEO, José Carlos. **O ensino de graduação na universidade: a aula universitária**. Disponível em:

<http://www.fadep.com.br/restrito/conteudo/pos_gestaoambiental_o_ensino_de_graduacao_na_universidade.pdf> Acesso em: 22/06/2011.

LIMA, Maria da Conceição Barbosa; CASTRO, Giselle; ARAÚJO, Roberto Moreira. **Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar**. Ciência e Educação, v. 12, n. 2, p. 235-245, 2006.

MACHADO, Nilson José. Imagens do conhecimento e ação docente no ensino superior. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel. **Pedagogia universitária**. São Paulo: Edusp, 2009. p.165-209.

MAHEU, Cristina. **Decifra-me ou te devoro**: o que pode o professor frente ao manual escolar? Salvador, 2001. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia.

MASETTO, Marcos. **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998.

MASETTO, Marcos; MORAN, José; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

O'SULLIVAN, Edmund. **Aprendizagem transformadora**: uma visão educacional para o século XXI. São Paulo: Cortez, 2004.

PLACCO, Vera. A didática e a formação de professores: analogias e especificidades. In: EGGERT, Edla. (Org.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender**: didática e formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 732-746.

PORTILHO, Evelise; TESCAROLO, Ricardo. **Aprendizagem e conhecimento**: cenários e tendências. Programa de aprendizagem. Curso de Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

POZO, Juan. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIOS, Terezinha. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RUÉ, Juan. **O que ensinar e por quê**: elaboração e desenvolvimento de projetos de formação. São Paulo: Moderna, 2003.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Angel. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **Educar por competências**: o que há de novo? Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAINT-ONGE, Michel. **O ensino na escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel. **Pedagogia universitária**. São Paulo: Edusp, 2009. p. 129-146.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org). **Técnicas de ensino**: novos tempos, novas configurações. Campinas: Papirus, 2006.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.